

A ARTE

MUSICAL

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49 — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART



A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não construe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições; — Londres, 1862 (*diploma d'houra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

A. HARTRODT

Sede HAMBURGO — Dovenfleth 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

HAMBURGO — PORTO — LISBOA
ANTUERPIA — PORTO — LISBOA
LONDRES — PORTO — LISBOA
LIVERPOOL — PORTO — LISBOA

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo.**



14 bis BOULEVARD POISSONNIERE J. Bilte

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje.....	100:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
 Membro do Jury Hors Concours

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
 LISBOA



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Romania.—SS. AA. RR. a Princesa Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha.—Princesa Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N.—57, JOANNISTRASSE
 PARIS—334, RUE S.T HONORÉ
 LONDON W.—40, WICKMORE STREET

LAMBERTINI
Fornecedor da Casa Real
 UNICO DEPOSITARIO
 DOS
 CELEBRES PIANOS
 DE
BECHSTEIN

 LUVARIA

 GATOS

 260, RUA AUREA, 270
 LISBOA

LISBOA ELEGANTE
 Casa especial de gravatas, collarinhos e punhos.
 M. C. ALVES
 NOVIDADES DE LONDRES E PARIS
 15 a 17, Praça de D. Pedro-LISBOA

TRIDIGESTINA LOPES
 Preparada por F. LOPES (pharmaceutico)
 Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.
 PHARMACIA CENTRAL
De F. LOPES & C. ^A
 108, R. DES. PAULO, 110—Lisboa

A ARTE MUSICAL

REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49

Proprietario e Director

LISBOA

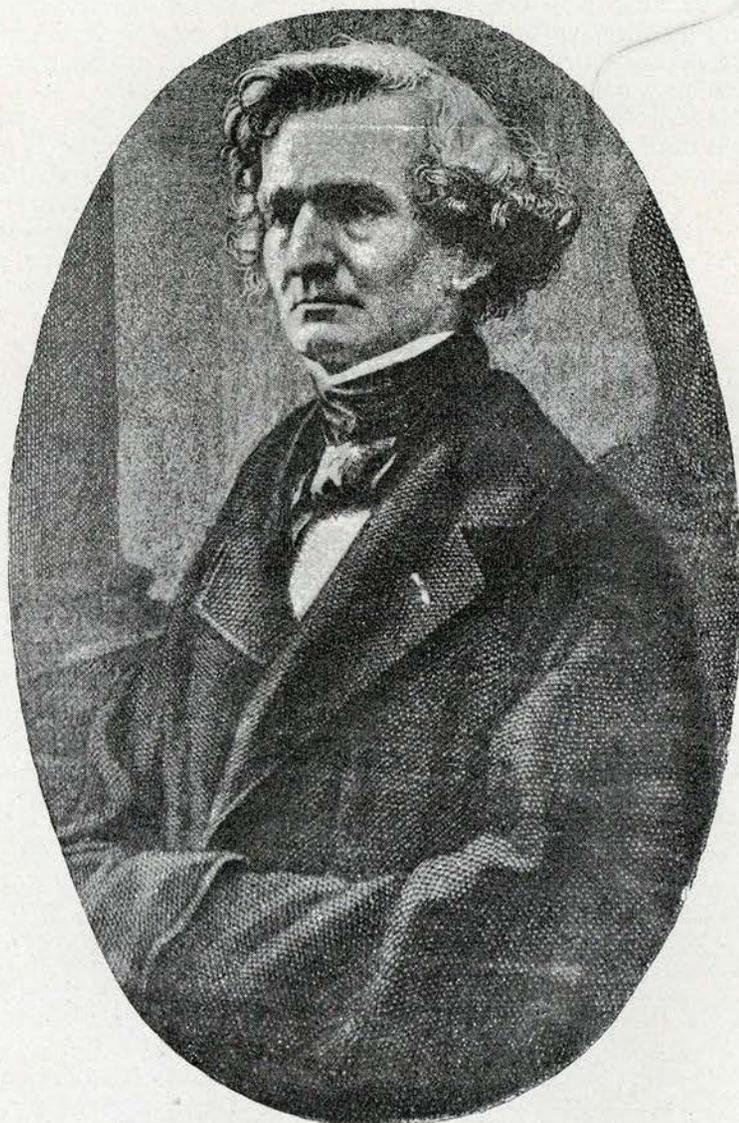
Redactor principal e editor

Michel'angelo Sambertini

Rua da Assumpção, 18 a 24

Ernesto Vieira

SUMMARIO - Hector Berlioz - S. Cecilia - O *Demonio* de Rubinstein - Concertos - Theatro de S. Carlos - Jose Maria de Freitas - Notas vagas - Vianna da Motta - Noticiario - Necrologia - Bibliographia.



HECTOR BERLIOZ

HECTOR BERLIOZ

Ha quatro dias que o mundo da musica festejou o primeiro centenario do nascimento de Berlioz, esse gigantesco vulto que a propria Franca desconheceu em vida e que hoje é unanimemente festejado e aclamado em toda a parte.

Corre-nos tambem o dever de consagrar umas breves linhas ao glorioso auctor da *Damnation de Faust* e descrever as principais phases da sua aventureosa vida.

Nasceu Heitor Berlioz na Côte-Saint-André (Isère) em 11 de dezembro de 1803. Quando tinha 19 annos incompletos, mandou-o o pae para Paris, a fim de seguir o curso de medicina, mas obedecendo irresistivelmente a uma vocação bem differente, matriculou-se logo no Conservatorio, sendo admittido na classe de Lesueur.

Foram excessivamente arduos os primeiros passos da vida de Berlioz e mais de uma vez se debateu com a miseria e com o abandono. Mesmo no Conservatorio, cujo director, Cherubini, o não podia vêr, era constantemente perseguido, sendo votados ao ostracismo os seus primeiros trabalhos e tentativas.

Quatro vezes concorreu inutilmente ao *Prix de Rome* e só em julho de 1830 é que conseguiu obtel-o, partindo para a Villa Medicis depois de ter feito ouvir em um concerto de despedida a sua cantata *Sardana-palo* e a *Symphonia fantastica*.

Pertencem tambem ao numero das suas primeiras obras as aberturas de *Waverley* e dos *Franc-Juges*, uma cantata *La mort d'Orphée*, uma Missa, a marcha dos *Magos* e o *Concert des Sylphes*.

E' inutil dizer-se que esses primeiros vôos da imaginação ardentissima do grande Mestre foram acolhidos pelo publico francez com uma indifferença glacial e por vezes com mostras de mal reprimido desagrado.

A producção artistica de Heitor Berlioz durante a sua permanencia em Roma foi relativamente pequena: limitou-se á abertura do *Roi Lear* e ao monodrama de *Lelio* ou *Retour à la vie*. E foi justamente com esta ultima obra e com uma nova audição da *Symphonia fantastica* que elle organisou em Paris um concerto consagrado á tragica Smithson, a quem votou uma acrysolada paixão e com quem se uniu por fim em casamento. União por signal infelicissima, que mais tarde se havia de quebrar dolorosamente!

Completamente falho de recursos, lançou mão do jornalismo e escreveu, sob pseudonymos varios, em diversos periodicos—*Cor-*

respondant, *Revue Européenne*, *Courrier de l'Europe* e *Journal des Debats*, conservando-se cerca de 30 annos na redacção d'este ultimo jornal.

Nos seus suggestivos livrinhos *A travers chants* e *Les soirées de l'orchestre* encontram-se compendiados muitos d'esses artigos, em que a *verve* candente e a implacavel rudesia do desilludido maestro espalhou profusamente, a par das mais finas ironias, um sem numero de allusões descabelladamente satyricas.

Continuava no emtanto a escrever musica. A' symphonia do *Harold en Italie* succedeu-se aquelle *Requiem* magistral, que elle considerava uma das suas melhores obras e que é na realidade, apesar da extranheza dos processos, uma admiravel creação musical.

A' *Symphonia funebre e triumphal* succedeu-se o *Benvenuto Cellini*, o seu primeiro trabalho para o theatro, que cahiu por completo na Opera.

Debatia-se o artista no meio de infinitas difficuldades quando lhe appareceu o violinista Paganini, como um *Deus ex machina*, que quiz protestar contra a injustiça dos seus contemporaneos e lhe fez doação da bonita cifra de 20:000 francos, proclamando-o ao mesmo tempo *herdeiro de Beethoven*. De pouco lhe valeu afinal a generosidade de Paganini — pois que pretendendo montar a suas expensas a *Damnation de Faust*, essa maravilhosa obra prima que todos já tivemos occasião de admirar, sossobrou ainda uma vez perante a indifferença e o desdem do publico francez.

Verdade seja que já tinha conquistado em paizes estrangeiros um bom quinhão das glorias, que a Franca lhe regateava obstinadamente. Em fins de 1840 começou por visitar a Belgica e mais tarde a Hungria, a Bohemia, a Prussia, a Russia, a Austria, voltando constantemente nos intervallos d'estas viagens á Allemanha, que considerava a sua verdadeira patria artistica. Em toda a parte era aclamado e festejado: em toda a parte menos no seu paiz.

Effectivamente quando regressou da Russia, com a bolsa sufficientemente guarne-cida para pagar os compromissos que tinha creado com a infeliz audição da *Damnation*, pensou em conseguir uma *reprise* do *Benvenuto Cellini* no theatro da Opera. Não houve meio e, cousa singular, ainda n'este momento em que toda a Franca e todo o mundo musical se deu a palavra para festejar o nome aureolado do artista que foi victima de tão flagrantes injustiças, a Opera de Paris é o unico centro de arte onde se não pensou em fazer reviver o *Benvenuto* ou os *Trojanos* que são, a bem dizer, os dois

unicos trabalhos lyrico-theatraes do glorioso auctor da *Damnation*.

Mas, como symphonista genial, tinha de produzir ainda outros trabalhos de grande vulto.

A symphonia com côros, *Romeo e Julietta*, pertence a esse numero e foi dedicado a Paganini, em reconhecimento de uma divida de gratidão.

L'enfance du Christ, gracioso mysterio, de uma extrema suavidade e encanto, teve um exito mais animador. Mas o que é curioso é que o seu auctor, n'uma d'aquellas *boutades* a que não era extranha uma leve pontinha de despeito, quiz fazel-a passar por obra de um compositor desconhecido do seculo XVII!

Mais tranquillo e esperançoso, faz executar na igreja de Santo Eustachio um grande *Te Deum* para 3 orchestras, côro e órgão. Teve logar esta audição em 30 de abril de 1855, vespera da abertura da Exposição Universal.

Uma poetica composição scenica *Béatrice et Benedict*, que elle esperava vêr representar na Opera Comique tambem concorreu para o desilludir: apenas alguns fragmentos se executaram em concertos.

De resto, estava todo entregue á composição dos seus *Troyens* e a apparição d'esta obra acariciada em silencio e trabalhada desde muito com um entranhado amôr, absorvia-lhe por completo os pensamentos.

Foi por fim executada esta opera no theatro lyrico do Chatelet, em 4 de novembro de 1863 e já é quasi inutil dizel-o, o publico não a percebeu ou não a quiz perceber e deixou arrastar os *Troyanos* umas 20 vezes no cartaz, em meio da indifferença geral e dos chascos da critica.

Foi o seu canto do *cysne* e os seis annos que decorreram até á sua morte, em 8 de março de 1869, foram uma lenta agonia de amarguras e tristezas sem fim.

Foi durante esse periodo que Berlioz escreveu as suas tocantes *Mémoires*, que não são mais que a descripção altamente impressionante da vida de um artista de genio, a que só a posteridade devia fazer justiça.

Não devemos esquecer de mencionar como uma das suas obras litterarias mais interessantes e auctorizadas, o *Traité d'instrumentation et d'orchestration modernes* que tem sido vantajosamente compulsado por todos os cultores da sciencia musical.

Em todo este mez e no seguinte o centenario d'Hector Berlioz é entusiasticamente festejado em França e fóra d'ella.

A intervenção official não se fez sentir em nenhuma das cerimonias e homenagens em projecto, ou já realisadas, mas, em compensação, por iniciativas particulares a França musical de hoje mostra bem que quer resgatar as indifferenças e os sarcasmos d'outr'ora.

Nos Concertos Colonne está em via de execução um cyclo de festas em que se passam em revista as principaes obras symphonicas do Mestre: — *Damnation de Faust*, *Enfance du Christ*, *Roméo et Juliette* e *Requiem*.

Os Concertos Lamoureux e o Conservatorio tambem executam alguns d'estes *chefs d'œuvre* e a Opera Comica propõe-se a organizar na primavera proxima uma audição dos *Troyens*, que terá de certo melhor exito que em 1863.

Benvenuto Cellini que se não ouve em Paris desde 1838, e que ainda não será ouvido agora, terá no emtanto varias representações em scenas estrangeiras.

O *Monde musical*, optima revista parisiense que tem iniciado muitas das manifestações em honra de Berlioz, publicou um numero especial consagrado ao grande artista por occasião do seu centenario. E' uma soberba publicação de luxo que tem a collaboração de Reyer, Saint-Saëns, Bruneau, Massoungnes, Offenbach etc., é illustrada pelo lapis maravilhoso de Fantin-Latour e contem alem d'isso a reproducção de autographos diversos e de um grande numero de outras illustrações do mais vivo interesse.

E ainda é por iniciativa do director d'essa bella revista d'arte que em 11 d'este mez se depuzeram corôas junto á estatua de Berlioz, no square Ventimille, e no modesto monumento funebre que a piedade de alguns amigos lhe erigiu na pequena necropole de Montmartre.

L.

No proximo numero da *Arte Musical* daremos aos nossos leitores um detalhado artigo do nosso illustre correspondente em Paris ácerca de *L'étranger* de V. d'Indy e sobre a sua execução na Opera d'aquella cidade.

S. CECILIA

(Conclusão)

No dizer dos biographos, que se tem occupado da vida de Santa Cecilia, os esponsaes da virtuosa romana foram simplesmente um pretexto para as mais extraordinarias manifestações do poder divino.

Sob a influencia e auctoridade da casta Cecilia, toda a idéia sensual tinha de ser abandonada e a noute de prazer mundano que devia seguir-se ás festas epithalamicas foi consagrada á conversão e baptismo de Valeriano em uma das catacumbas de Roma.

Quem procedeu á cerimonia baptisimal, que então se designava por *Illuminação* foi Urbano, um veneravel ancião que as constantes perseguições dos pagãos obrigara a refugiar se nas cavernas do sub-solo romano e ahi prégava a nova Religião.

O mesmo Urbano foi tambem quem converteu e baptisou Tiburcio, irmão gêmeo de Valeriano e por quem Cecilia nutria o mais en-tranhado affecto fraternal.

N'aquella casa patriciana da região trans-tiberina passaram Cecilia, Valeriano e Tiburcio alguns mezes no seio da mais angelica amizade e é de suppor que se occupassem por assim dizer exclusivamente de um fer-vente apostolado e de caridosas praticas.

Os *Actos* são um tanto ommissos na descripção d'esse periodo da vida da nossa Santa.

«Seria muito longo, diz-se ali, contar por ordem e circunstanciadamente o que se pas-sou, depois da conversão dos dois irmãos e as maravilhas pasmosas e sem numero que Deus operou por sua intervenção; iremos por tanto direito á narração do seu martyrio.»

Não tardaram de facto a ser victimas das perseguições a que ha pouco alludiamos, e que sob a instigação do prefeito de Roma, Turcio Almachio, se tornavam de dia para dia mais sanguinarias e ferozes.

As primeiras prisões effectuaram-se nas classes inferiores da sociedade; centenas, milhares de fieis foram presos e barbaramente assassinados.

Arremessavam estes infelizes para a mas-morra, submettiam-os á tortura, despedaçavam-lhe os membros e quando uma lenta agonia lhes tinha esgotado o sangue até á ultima gota, quando o ultimo sôpro de vida se tinha dissipado nos supplicios, a inexora-vel vingança encarnicava-se ainda nos seus restos mortaes. Era prohibido com pena de morte sepultal-os.

A hercica dedicação de dar sepultura a esses cadaveres tentou invencivelmente os grandes corações de Valeriano e de Tibur-cio.

Chamados á presença d'Almachio, com a accusação de christianismo, não tardou que as suas cabeças rolassem aos pés da estatua de Jupiter, que os corajosos gêmeos recusa-ram tenazmente incensar.

Quanto á sublime padroeira dos musicos, a doce e casta Cecilia, só alguns mezes de-

pois é que devia ser attingida pelo odio in-transigente do cruel Almachio.

Mas, ou com receio de uma agitação po-pular, até certo ponto explicavel pelo au-gmento sempre crescente dos proselytos da Religião nova, ou por um requinte de cruel-dade elegante muito propria dos romanos de certa cathogoria, não quiz o feroz pre-feito que a execução se realisasse em publi-co e ordenou que o proprio palacio em que se tinham realisado as maravilhosas bo-das de Cecilia lhe fosse tambem o logar de supplicio.

A innocente victima devia voltar a sua casa: ahi seria encerrada no *caldarium* dos seus banhos domesticos e os fornos subter-raneos seriam aquecidos o mais possivel, até que a joven, despresadora dos deuses, pe-recesse asphixiada.

Assim se fez. Conduziram a em meio de uma grande escolta de soldados ao p. oprio palacio.

Os ministros d'Almachio accenderam um lume violento e continuado no hipocausto e a virgem-martyr foi encerrada na abobada do *caldarium*, para onde vinte bocas de ca-lor vomitavam incessantemente torrentes de vapor abrazado.

Diz a poetica lenda que, pela intervenção divina, o corpo de Cecilia resistira muitos dias á acção d'esse atroz brazeiro e que Tur-cio Almachio, vendo a inutilidade d'aquelle supplicio, decidira mandar degolar a obsti-nada christã.

Se nos regularmos pelas sabias investiga-ções de M. de Rossi, que em seus superiores trabalhos soube transformar em verda-das historicas muitas das conjecturas, em que, até elle, assentava a biographia de Santa Cecilia, poderemos affirmar que a sua morte teve logar em 16 de setembro. A fes-ta que a Igreja celebra a 22 de novembro, corresponde á data da consagração do seu palacio no Transtevero, que coincidiu com a transladação dos seus restos mortaes, ef-fectuada com toda a pompa sob o pontifi-cado de Clemente VIII.

*

A nossa santa padroeira e a doce lenda que envolve o seu nome n'uma aureola de castidade e de pureza tem inspirado os ar-tistas de todo o mundo, servindo-lhes de motivo a encantadoras creações d'arte.

Poetas, pintores, esculptores e musicos de todas as idades, lhe tem feito holocausto do seu ouro o mais puro.

Quem não conhece, ao menos pelas nu-merosas reproducções que d'elle se tem fei-to, o precioso quadro de Raphael em que a

virgem, segurando um pequeno órgão manual e rodeada dos seus companheiros no apostolado christão, se nos mostra enlevada nas seraphicas melodias do *Extase*?

E essas outras deliciosas telas de Carlo Dolci, de Crosto, de Bernardino Luini, de Guercino, de Rubens, de Paulo Veroneze, de Domenichino e de tantos outros?

E aquelle vitral maravilhoso que o pincel de Bertini eternizou na igreja de Santa Babilá de Milão?

E o baixo relevo de Donatello, de linhas tão puras, de expressão tão modesta e virginal? E esse outro, de Leonard, que a nossa revista reproduz no começo d'este artigo?

Esses são os maiores monumentos que a Christandade podia ambicionar para a sua santa martyr. E se a amamos na perfumada lenda que a Igreja nos ensina, temos de adoral-a, nós outros os musicos, sob as multiphas formas que a grande Arte de todos os tempos tem imposto á admiração do mundo.

M. A.

Argumentos de Operas

O DEMONIO

Opera de Rubinstein

O poema original é do celebre poeta russo Lermontoff, e comprehende 3 actos e 7 quadros, subdivididos por treze scenas.

O primeiro acto comporta trez quadros, o segundo um só, e o ultimo outros trez.

Depois d'um bom prelude a scena representa uma paysagem em meio de montanhas. Atravez da obscuridade, vê-se passar ao fundo o Demonio. Uma serie de córos, em que successivamente se manifestam os espiritos rebellados, os ventos, aguas, fontes, arvores, flores, rochas e por ultimo as forças da natureza, se fazem ouvir, constituindo a introdução do drama musical. Segue-se-lhes uma disputa entre os bons e maus espiritos precedendo a entrada do Demonio, que á semelhança do prologo do *Mephistophiles*, lança o seu repto ao Céu. Responde-lhe o Anjo o que dá logar a uma imprecação e duetto entre meio-soprano e barytono.

O segundo quadro passa-se ao pôr do sol. Tamara com a tia e jovens companheiras descem do Castello de Gudal (1.º baixo) a encher as suas amphoras no rio que corre ao fundo da scena. Emquanto Tamara se dirige

a encher a sua, o Demonio, invisivel para os mais personagens, apparece sobre um rochedo e sente-se para logo fascinado pela belleza da joven. Num arioso, que é um dos motivos predominantes do *spartito*, confessa-se dominado por taes encantos, e offerece-lhe o maximo poder na terra, em troca do seu amor Tamara que, unica, ouviu o canto do Demonio, fica perplexa e turbada, e cheia de curiosidade por conhecer o possuidor da mysteriosa e extranha voz. O scenario muda para um sitio selvagem, com uma capella em ruinas no fundo. Entra o Principe do Sinodal com um antigo servo, seu fiel companheiro, e numerosa caravana.

Dirigem-se ao castello do principe Gudal, o pae de Tamara, esposa promettida de Sinodal. A fadiga força-os a acampar ali, afim de descansar os cavallos. Entretanto sobrevem o Demonio que, antecipadamente, annuncia a proxima morte de Sinodal, que lhe disputa a posse de Tamara. Todos adormecem, e uma horda de tartaros vem impetuosamente pilhar a caravana, matando e ferindo os defensores. Sinodal, desperta em meio dos mais dourados sonhos d'amor, corre com denodo contra os bandidos, mas recebe um tiro que o prostra sem vida. Assim termina o 3.º quadro e o 1.º acto.

O 2.º, que comporta um unico quadro, passa-se no castello do Principe Gudal. Tudo é festa e alegria. Tamara ricamente vestida entrega-se á doce esperanza de em breve vêr chegar o seu promettido e bem amado principe. N'esta persuasão os vem confirmar um mensageiro de Sinodal, que annuncia a breve chegada do principe com a sua numerosa e rica caravana. Tanta alegria é bem cêdo convertida em prantos, com a chegada do velho servo e alguns creados que conduzem o cadaver de Sinodal. Gudal interroga quem o matou, e sabendo-o, concebe rapidamente o designio de o vingar com os seus sequazes. A consternação é geral e extremo o desespero de Tamara. N'isto houve ella de novo as mesmas palavras do Demonio, do 1.º acto, e cheia de singular curiosidade diz á mysteriosa voz que lhe appareça. Sem que acceda ao seu desejo por então, o Demonio diz-lhe que espere, e o ha de vêr em breve. A joven combatida por tão encontradas emoções resolve recolher-se a um claustro de monjas, contra a vontade do pae, que, todavia cede ao voto geral e á anciosa supplica da sua estremecida Tamara. E' o fim do 2.º acto.

O quadro seguinte, primeiro do ultimo acto, representa o convento onde Tamara se recolheu. O velho servo de Sinodal constituiu-se o guarda do santo asylo. Volta o Demonio, que pretende acabar a fascinação

começada a exercer sobre Tamara. No momento em que vae a transpôr a porta do convento surge o Anjo, que, em balde, pretende oppôr-se, mas o Demonio facilmente o repelle e o Anjo parte. O quadro seguinte representa a cella de Tamara que se encontra impaciente de conhecer o mysterioso personagem que tão fundamente a turbou com as suas palavras estranhas. Entra o Demonio, e dando-se-lhe a conhecer procura por todos os modos induzila a que o acompanhe. «Pelo teu amor renego e maldigo o mal, prompto estou a confessar e reconhecer o Céu», diz-lhe elle, e a joven, abalada e commovida, sente-se quasi dominada. Recorre porém a Deus, animada pelas vozes do coro interno das religiosas, e o seductor redobra d'insistencia, pintando com as mais vivas côres o que o seu amor lhe reserva. Tamara deixa-se abraçar e beijar por elle, mas n'esse instante supremo o Anjo reaparece, Tamara desprendendo-se dos braços do Demonio corre a abrigar-se junto do Anjo, mas apenas chega junto d'elle cahe morta. Exulta o Demonio, crendo segura a posse de Tamara, mas o côro dos espiritos celestes e o Anjo reivindicam victoriosamente a alma da joven. O Demonio subterra-se furioso, e a scena muda, para figurar n'um ultimo quadro, a apothose de Tamara, transportada ao Empyrio pelos seraphins em meio d'um côro d'archanjos.

CONCERTOS

Como annunciamos realisou-se a 3 no Salão do Conservatorio o primeiro concerto organizado n'esta epoca pela *Sociedade de Musica de Camara*.

Alem das obras de Mozart que compunham o programma, tocou o sr. Antonio Lamas duas veses, a pedido do publico, um delicioso *Minuetto* de Milandre para viola de amôr, com acompanhamento de piano.

O proximo concerto realisa se ainda este mez com as seguintes obras:

Trio op. 63, n.º 1.....	Schumann
para piano e arcos		
Sonata op. 45.....	Grieg
para violino e piano		
Quarteto op. 7.....	V. d'Indy
para piano e arcos		



Effectuou-se na noute de 5 do corrente mez, no salão do Conservatorio, o 107.º con-

certo da *Real Academia de Amadores de Musica*, no qual foi executado o seguinte programma:

1.ª parte — Overture, *Alegres Comadres de Windsor*, de Nicolai: *Scene religieuse*, de Massenet (Erinnyes): *Mozart minuete* de Bendel.

2.ª parte — *Danse Grecque*; — *La Troyenne regrettant sa patrie*; — *Entr'Acte e Fina* (Erinnyes) de Massenet.

3.ª parte — Overture, *Rosamonde*, de Schubert: — *Cavatina*, de Raff: *Le dernier amour*, (czarda), de Gung'l.

Foi este programma, a nosso ver, um dos que mais bem organizados tem sido por aquella collectividade, não só por constar exclusivamente de trechos orchestraes, como tambem pelo criterio que presidio á escolha d'esses trechos, realmente bellos e inspirados.

A execução foi, quanto possivel, aprimorada e correctá, attentas as difficuldades que aquelles trechos encerram, salientando-se, comtudo, a interpretação pouco vulgar, que todos os primeiros violinos, como que possuidos do mesmo sentir, deram á penultima peça, a cavatina de Raff.

Fez-nos este concerto recordar, com saudade e desanimo, os bons tempos de Barbieri, Colonne e Rudorff, que não voltam.



Com um brilhante concerto realisou a 8 a sua festa annual o eximio professor Rey Colaço, perante a numerosa e escolhida assistencia dos seus admiradores.

O *Trio* de Tschaikowski era uma das peças que mais se salientava no programma. Em um ligeiro commentario que acompanhava este, alludia-se á ausencia de classicismo nas divisões da obra. Ha porém mais que isso: ha em certos pontos verdadeira desconnexão nos motivos, cujas transições bruscas não sabemos explicar nem podem ser desculpadas pelas exigencias descriptivas da obra, indicadas no mesmo commentario. E depois, não é a musica de camara o quadro sufficientemente amplo para conter a reprodução de tão variadas scenas: só a *symphonia*, ou antes o *poema symphonico* é que tem a vastidão e o desenvolvimento precisos para as poder apresentar nas proporções justas e não reduzidas a mesquinhas miniaturas que mal se chegam a apreciar.

A musica de camara tem de contentar-se com a exposição de uma situação unica, em que dois ou tres estados d'alma tem perfeito cabimento. Nada mais. Foi assim e é assim que os grandes Mestres do passado e do presente nos teem ensinado e ensinam a

contextura esthetica da *Sonata* e de todas as obras musicas que d'ella derivam.

Queremos com isto dizer que não tem admiraveis bellezas o *Trio* de Tschaikowski? Nem por sombras: e bastariam algumas das variações (particularmente a do piano) e aquelle maravilhoso final, tão fortemente impregnado de saudade e dôr, para commover o mais insensível dos ouvintes.

Os executantes, professores Colaço, Goñi e Palmeiro, traduziram sentidamente esta bela obra e proporcionaram-nos momentos de sincero prazer.

Rey Colaço, a solo, fez-se ouvir no *Clair de lune* de Beethoven e em pequenas peças de Haendel, Rachmaninoff, Borodine e Wagner — tudo executado com aquella mestria e *charme* que são o apanagio especial d'este professor e que lhe tem conquistado entre nós a tão merecida sympathia de todos que o ouvem.

Figurava ainda no programma o sr. Emilio Velo, cuja formosa voz de tenor se fez applaudir com enthusiasmo na aria da *Tosca* e n'uma *Jota*, que teve de bisar.

Outra bonita voz, a da sr. D. Africa Silva de Calimerio que se estreitava entre nós com uma aria do *Schiavo*. Foi apreciadissima esta distincta amadora e correspondeu aos calorosos applausos que lhe dispensaram cantando, fóra do programma a *Lina* de San Fiorenzo.

Uns coros, cantados pelas alumnas do Conservatorio, sob a regencia de Guilherme Ribeiro, completavam o interessante programma.

Temos o maior prazer em constatar os progressos que este grupo tem realisado, sob a direcção de tão intelligente e esforçado professor: a afinação é correcta, ha unidade e certeza, bem como uma exacta comprehensão das *nuances*. O que falta ás vezes é maior firmeza e união no ataque, o que facilmente se consegue se todas as gentis cantoras se convencerem de que as distrações são inconvenientes e descabidas desde o momento em que se trate de apresentar um trabalho d'arte, em que todas são igualmente solidarias.

Terminando diremos que foi uma festa que deixou a todos plenamente contentes e ao proprio festejado duplamente satisfeito, pela numerosa concorrência de proselytos e pelo caloroso acolhimento que lhe reservaram.

Rey Colaço foi tambem muito brindado por discipulos e amigos.



O *Orpheon Portuense* inaugurou em 10 do corrente a sua epocha de concertos n'este

inverno com a apresentação do violoncellista francez André Hekking.

Executou-se o *Trio em si bemol* de Beethoven em que aquelle illustre artista teve por *partenaires* a talentosa pianista D. Leonilda Moreira de Sá e o distincto violinista Sr. Moreira de Sá.

Hekking apresentou o 1.º Concerto de Saint Saëns, o *Largo* de Haendel e a *Marsurka* de Popper e fora do programma a *Reverie* de Schumann.

Os jornaes portuenses tecem os mais rasgados elogios ao distincto artista que foi entusiasticamente applaudido pelo selecto auditorio que accorreu ao salão Gil Vicente.

THEATRO DE S. CARLOS

Falar da sumptuosidade que a sala de S. Carlos apresentava na noite de domingo, 13 do corrente, durante a recita de gala que se realizou em honra do rei de Hespanha, é missão mais propria dos jornaes diários. Fique todavia archivado nas paginas da *Arte Musical* que os dourados das numerosas fardas de dignitarios, corpo diplomatico, titulares, officiaes do exercito e marinha portugueza, officiaes da marinha hespanhola e ingleza, constelavam a tribuna real, algumas frisas, camarotes de primeira ordem e muitos dos logares de plateia, dando á sala uns ares mavorticos, que contrastavam com os vestidos claros e o fulgente brilho dos diademas e colares de brilhantes, que ornavam a cabeça e o decotado còlo das numerosas senhoras que estavam nos camarotes.

Prestada a nossa homenagem á magnificencia da recita de gala, digamos que se cantou a *Fedora*, em que se apresentaram dois artistas principaes: a soprano dramatico sr.^a Maria Lafargue e o tenor Fernando de Lucia, que conserva as bellas qualidades de voz já bem conhecidas dos frequentadores de S. Carlos.

A sr.^a Lafargue tem voz de timbre agradavel, fresca, sem aquellas oscillações que são indício de canção ou de má empostação. Muito afinada, a emissão nem sempre foi igual, talvez por causa das commoções d'uma primeira recita e do aspecto da sala.

Dos restantes artistas falaremos depois mais de espaço. Não queremos precipitar juizos e desejamos considerar esta primeira noticia a respeito das artistas de S. Carlos como um cumprimento.

A opera foi bem dirigida pelo maestro Lombardi, embora por vezes notassemos excessiva lentidão em alguns movimentos.



JOSÉ MARIA DE FREITAS



Na commemoração das datas mais notaveis que a historia musical nos tem deixado assignaladas, seria d'escaroavel indifferença não recordar de quando em quando as nossas pequenas, mas legitimas glorias,

Hoje, que faz justos 36 annos, que José Maria de Freitas deixou de pertencer ao numero dos vivos, não vem fóra de proposito publicarmos-lhe o retrato e prestarmos a homenagem de algumas linhas ao intemerato fundador da «Associação Musica 24 de Junho», hoje *Associação dos Professores de Musica de Lisboa*, que foi tambem, como se sabe, um dos nossos mais illustres violinistas.

No «Diccionario Biographico dos Musicos Portuguezes» registram-se os principaes factos da vida de José Maria de Freitas, e, porque quasi todos os nossos assignantes e leitores possuam já a mencionada obra, nos parece inutil reproduzir aqui as notas tãometiculosamente colligidas por Ernesto Vieira n'aquelle seu importante trabalho.

NOTAS VAGAS

CARTAS A UMA SENHORA

LVI

De Lisboa

Dirijo-lhe esta em pleno periodo de festas. Está entre nós, como sabe, esse sympathico *rey niño* que a Fatalidade parece espreitar com um olho truculento e duro mas que a Dedicção, consubstanciada na alma incomparavel de uma extraordinaria mãe, soffrega e valorosamente, minuto a minuto se tem esforçado a disputar-lhe...

E apesar das pompas varias com que o receberam, do inestimavel esplendor d'aquelles majestosos e preciosissimos coches que o conduziram e aos seus, das illuminações de varios tons e especies com que quizeram pontuar-lhe os passos na capital portuguesa, o que todos vimos é um simples e desprezencioso rapaz, com uma certa melancholia no olhar, e um tal ou qual annuveado no semblante.

Coitado, apesar de monarcha das Hespanhas, de herdeiro da corôa gloriosa de Carlos V, dá-me impressão que ainda creança e soffre — talvez sem mesmo saber por quê, talvez sem mesmo saber onde... Deus o proteja e o inspire; o fortaleça e o guie...

E' moço, é nobre, é bravo, não pôde ser mau e não desejará ser inutil...

Merece-o por si proprio e pelo fidalgo povo a que preside, povo tão cheio ainda de pittoresco e de vida, de entusiasmo e de sonhos...

Nós, que hespanhoes somos tambem, embora com justo e bem ganho renome portugueses nos chamemos e devamos continuar chamando-nos, nós temos a obrigação de a um e outro o desejarmos — e bem cordialmente, para alegria d'esta Peninsula amada que ainda não liquidou de vez os seus grandiosos destinos.

A minha querida amiga de certo me acompanha nos meus votos, e se aqui estivesse diria tambem como alguém que ao pé de mim assistiu á passagem de Affonso XIII: *Olé, por España y Portugal...*

*

Eu não sei seguramente o que no fundo pensam a nosso respeito os bem conhecidos povos civilizados, mas se pensam mal, em certas materias não nos ganham porque nós ainda pensamos peor, e n'outras ou os valemos — ou os ultrapassamos... Em qualquer dos casos, porém, duas qualidades não lograrão negar-nos, e vem a ser: — a absoluta

lealdade com que nos julgamos e a prompta e sincera boa-fé com que acolhemos tudo quanto de grande e de bello o mundo produz e nos impõe.

Temos mesmo esta ultima qualidade um bocadinho em excesso, e não raro se peccamos é por elle.

Agora mesmo a proposito de festas e festeiros, de coisas e de pessoas, ao facto concernentes, poderia exemplificar-se o asserto, mas não vale a pena embrenharmos por essas philosophias aridas em que de envolta com o applauso que consola, teria de apparecer a censura que quando não doesse, pelo menos azedava, sem que no fundo nada viessemos a lucrar, porque isto já agora ha de ir assim até emquanto não fôr possível — que ha de ser, — ir de outra maneira...

*

Tristesas por tristesas, então antes as simtamos pelo desaparecimento d'esse luminosissimo e inconfundivel espirito de Herbert Spencer, que ao sumir-se para sempre da existencia deixa n'ella, com o sulco genial da sua obra, o traço indelevel da sua passagem pelo cerebro de todos nós...

Ter tornado possível Darwin e quem sabe se presentido ou preparado o proprio Pasteur, é uma d'essas glorias que não cabem inteiras n'um povo unico, por muito grande que esse povo seja, como é, e ainda enche, e bem, a legião dos outros povos que lhe sentiram os influxos e lhe beberam os ensinamentos...

A Allemanha, perdeu, é verdade, o seu assombroso Mosen, mas esse historiador de Roma era sobretudo um estreito germanico, que dos latinos falava com desdem, aos celtas chamava *valentes inuteis* e dos outros nem mesmo se occupava quasi; Herbert Spencer, porém philosopho e como tal de cerebro comprehensivo e largo, tudo explicava e abrangia, e assim nem a microscopica poeira de *mundos* que socialmente passam na trama da historia o deixava indifferente ou estranho.

E esse homem que renovou todas as ciencias com o seu methodo, que influiu na politica e até orientou departamentos inteiros da propria arte, sempre vale um pouquinho mais que o grande allemão, por muito que este valesse, o que ninguem aliás contesta.

A simples designação comtudo os consagra a ambos: um foi, conforme escrevi — o grande allemão, o outro foi melhor que o grande inglez — o que aliás já seria invejavel — foi o *grandissimo humano*, quasi a topetar com as clareiras divinas d'esse Inconscivel a que elle tão respeitosa e tão le-

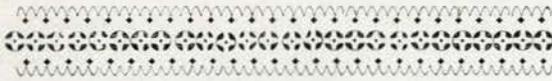
vantadamente sempre alludia no decurso da sua incomparavel obra...

De tudo tratou, até da musica, que em um dos seus livros lhe suggeriu meia duzia de substanciaes e admiraveis paginas, e por muito que d'elle eu dissesse, dado que possuisse competencia para isso, nunca diria nada que pintar podesse tão colossal figura.

Ah! minha amiga, se alguma cousa nos deve alguma vez fazer olvidar a nossa mesquinhez terrena, é pensar que apesar de tudo, d'ella é possível sair de onde em onde, uma d'estas grandesas.

A mim isso conforta-me, e embora pessoalmente fique *insignificantemente mínimo*, deslumbra-me fitar qualquer d'esses infinitamente enormes...

AFFONSO VARGAS.



VIANNA DA MOTTA

Chegam-nos noticias directas e recentissimas d'este eminente pianista. No fim de Novembro foi a Londres, contratado para dois concertos, o segundo dos quaes chamou uma concorrência superior á capacidade da *St. James' Hall*. Precisamente enquanto realisava esse segundo concerto, recebeu a proposta para partir n'essa mesma noute para a Escocia, onde deveria substituir o celebre pianista italiano Ferruccio Busoni, impedido de poder realizar o seu anterior contracto.

Era um verdadeiro *tour de force*, tanto mais que, sem descançar sequer, devia partir e tocar no dia seguinte á chegada, o grande concerto em *mi bemol* de Beethoven, com orchestra, faltando o tempo material para se ensaiar.

Felizmente a orchestra escoceza sob a conspicua regencia do Dr. Cowen, e composta de oitenta musicos, é de primeira ordem, e n'uma unica prova, em que não foi preciso repetir uma só passagem, ficou apta para secundar o nosso admiravel pianista.

Afora esse magistral concerto de inexcusavel responsabilidade, Vianna da Motta tocou a solo *Pastorale e Tocatta*, de Scarlati, e *Scherzo*. op. 20, de Chopin, sendo a opinião dos criticos escocezes extremamente lisongeira para com o nosso compatriota reconhecendo lealmente um d'elles, que a interpretação do *Scherzo*, se bem diversa da que haviam ouvido antes a De Pachmann, tinha comtudo um alto cunho de encanto, pessoal do interprete.

Com respeito aos concertos de Londres, o critico do *Times*, que é a principal auctoridade da critica londrina, sendo mesmo um pianista que se tem apresentado varias vezes a publico, reconhece no nosso querido amigo «um eminente artista que mais uma vez provou quanto era musicista na mais veridica e plenissima expressão». Refere-se particularmente á sua execução das duas sonatas de D. Scarlatti, do afamado *Cuco*, de Daquin, da fantasia de Haydn, da sonata Waldstein, de Beethoven, e dos formidaveis estudos de Valentim Alkan. Citando a sua excepcional destreza de virtuose, louva-o ainda mais pela elevada consciencia com que respeita o estylo dos compositores, e nomeadamente de Beethoven, o mais difficil de todos, pela suprema complexidade das suas grandiosas composições de piano.

Vianna da Motta regressou já a Berlim, onde lhe não dão treguas á sua actividade os numerosos discipulos que soube ganhar na capital da Allemanha.

Congratulamo-nos jubilosamente com os seus mais recentes triumphos, tão justos quanto merecidos.



DO PAIZ

Em substituição de Mad.^{me} Larcher, foi nomeada a sr.^a D. Adelia Filgueiras para o logar de regente do Conservatorio Real de Lisboa. Como ajudante da regente foi nomeada a sr.^a D. Georgina Larcher.



Com a opera *Fedora* inaugura hoje a epoca lyrica o theatro de S. João do Porto.

Os principaes artistas contractados pela respectiva empreza são:

Maestros: — Arnaldo Conti e Vicente Llorente.

Sopranos e meios sopranos: — Esther Adaberto, Elvira Ceresoli, Vittoria Cesarini, Haricléé Darclée, Mary d'Arneiro, Cesira Ferrani, Pepita Sanz.

Tenores: — Alessandro Bonci, Carlo Dani, Fernando De Lucia, Giovanni Lunardi.

Barytonos: — Angelino Fornari, Ettore Bucalo, Eugenio Giraltoni, Delfino Menotti.

Baixos: — Luigi Nicoletti, Luigi Tavecchia, Carlos Silva.

As operas novas serão *Fedora*, *Luisa*, *Moema* e *Saffo*.



Eis a relação das peças que vigoram no anno lectivo de 1903-4, para o Curso geral de Piano no Conservatorio Real de Lisboa:

1.º anno: — Sonatina, op. 81, n.º 4 em fá maior — *Berens* (Edição Cranz).

2.º anno: — Thema em dó maior com variações — *Haydn* (Edição Breitkopf).

3.º anno: — Courante, 3.º numero da Partita VI — *Bach* (Edição Peters).

4.º anno: — Sonata em si bemol — *Mozart* (Edição Steingraber).

5.º anno: — Perpetuum mobile op. 119 — *Mendelssohn* (Edição Steingraber).



No dia 18 do corrente faz a sua festa de despedida o tenor Emilio Velo. Realisa-se a festa no theatro da Trindade com a opera comica *Se eu fôra Rei*, cantando o illustre artista algumas canções portuguezas e hespanholas em um dos intervallos.



As nossas eminentes compatriotas Guilhermina e Virginia Suggia foram convidadas para realizar dois concertos em Villa Viçosa por occasião da visita de S. M. El-Rei de Hespanha.

Chegam-nos á ultima hora noticias do extraordinario exito obtido junto dos seus regios ouvintes, pelas talentosas e sympathicas artistas portuguezas.



O distincto barytono portuguez Mauricio Bensaude que na epoca passada tivemos occasião de apreciar no Theatro de S. Carlos, acha-se actualmente em Nice, alcançando ruidoso successo no *Barbeiro de Sevilha*, *Traviata* e *Fra-Diavolo* onde patenteia brilhantemente os magnificos recursos da sua bellissima voz.

DO ESTRANGEIRO

Paris, 4 de dezembro.

Acabamos d'assistir á 1.ª representação, em França, de "*L' Etranger*," de V. d'Indy. Successo enorme, calorosamente confirmado pelo unanime e entusiastico applauso de um publico d'élite.

L.



A "Schola Cantorum," prepara para o dia 26 a audição integral do celebre "*Oratorio de Noël*," de Bach sob a direcção do nosso compatriota e amigo F. de Lacerda, professor n'aquella escola.

O nosso compatriota deve dirigir igualmente no dia 17, na salla Pleyel, uma interessante audição de obras de Bach, Mozart, Franck e Grieg.



Acaba de se edificar em Buenos Ayres um novo theatro, ao qual se deu o nome de Guilherme Marconi. O architecto da nova sala de espectaculos é o engenheiro italiano Arnaldi.



O Colyseu de Hartford soffreu transformação radical para um elegante theatro, sendo as obras (risco e direcção) entregues ao engenheiro S. Z. Poli.



Está concluido o risco do novo theatro da Opera de Berlim, cuja forma será a mesma do de Bayreuth. A construcção está orçada em vinte milhões de marcós.



O antigo theatro Guilherme de Brescia passou a ser propriedade d'uma Sociedade ultimamente constituida, com o capital de 130:000 liras, que pode augmentar até 250:000; a mesma terá a duração de noventa annos, e propõe-se restaurar completamente o theatro, que passará a chamar-se Theatro Social.



Segundo annunciam jornaes d'Italia o maestro Mascagni foi nomeado director da «Escola musical nacional de Roma» cuja séde é no Palacio Patrizzi, praça de Santa Clara.



Enlouqueceu repentinamente a reputada cantora allemã Moran Olden, tendo sido recolhida no Manicomio de Berlim.



O repertorio que será executado na proxima epocha do *Scala*, de Milão, é composto das operas: *Ouro do Rheno* (Wagner) *Siberia* (nova opera de Giordano) *Fausto* (Gounod) *Germania* (Franchetti) *Griselda* (Massenet) *Rigoletto* (Verdi) *Lakmé* (Delibes) *Madame Butterfly* (recente composição de Puccini).



Uma velha opera de Donizetti, quasi desconhecida da moderna geração, a *Betty*, foi agora exhumada do olvido pelo theatro *Castiglione*, florentino, e agradou immensamente pela frescura e plenitude de melodias.

NECROLOGIA

Ao nosso collega e amigo, o illustre critico musical sr. Adriano Merêa damos os mais sentidos pesames pelo fallecimento de sua virtuosa mãe, a sr.^a D. Maria Angelica Simões Merêa, cujo passamento se verificou 7 do corrente mez de dezembro.



Nos primeiros dias do mesmo mez falleceu com 49 annos o conhecido compositor de operetas Victor Roger, cujos principaes trabalhos são bem conhecidos nos nossos theatros da especialidade.

Citemos ao acaso: — *Vinte e oito dias de Clarinha, Hotel da Barafunda, Josephina vendida por suas irmãs, Viagem de Corbillion, Cendrillonette* e outras peças.



Tambem deixou de existir Léon Pillaut que, desde 1886 e apoz a morte de Gustavo Chouquet, desempenhava as funcções de Conservador do Museu instrumental do Conservatorio de Paris.

Publicou 2 supplementos ao catalogo de este Museu, com as datas de 1894 e 1899 e uma interessante brochura com a data de 1880 e o titulo *Instruments et musiciens*.

Nascera em 29 de junho de 1833 e tinha portanto 70 annos á data do fallecimento.

BIBLIOGRAPHIA

Uma publicação que se impõe, pela lacuna que vem preencher no mundo da Arte e pelo desenvolvimento que lhe será dado por uma redacção cuidadosamente escolhida entre os melhores escriptores da especialidade, é o *Manual Universal da Litteratura Musical*, obra que comportará nada menos de 25 grossos volumes e onde serão compendiados todos os trabalhos musicaes que tem visto a luz da publicidade a partir do seculo xv.

E' dividida em 3 partes: a primeira comportará toda a musica classica e moderna actualmente em venda nas casas editoras de musica: a segunda mencionará as obras que se publicaram nos seculos xv a xviii e de que se encontram ainda exemplares nas bibliothecas ou nos alfarrabistas: a terceira parte refere se á litteratura musical, obras theoricas, jornaes, etc.

Este grandioso trabalho, que constituirá o unico guia verdadeiramente completo de todas as edições musicaes existentes, é diri-

gido pelo eminente critico musical, dr. Hugo Riemann, de Leipzig.



José Vianna da Motta, que tem sido um strenuo propagandista da admiravel obra musical de Ch. V. Alkan, acaba de publicar na casa Costallat de Paris a transcripção para 2 pianos de um Benedictus que sob o n.º 54 tinha escripto para *Piano de pedaes* o genial pianista e mestre francez.

De um interessante prefacio que Vianna da Motta escreveu para esta obra, pedimos licença para extrahir os seguintes esclarecimentos:

O *Piano de pedaes* ou *Pedalier* tem como o nome o diz, um teclado de pedaes, á semelhança do órgão. Tinha Alkan uma grande predilecção por este instrumento e só tendo-o ouvido, se pode fazer ideia do partido que elle sabia tirar do *Piano-pedalier*.

Tocava n'elle toda a litteratura do órgão e sobre tudo as obras de Bach, porque em materia de musica original para esse instrumento pouco se havia escripto de interessante — algumas peças de Schumann e de Gounod.

Foi assim que imaginou escrever para o pedalier, não só este Benedictus, mas tambem as *Prières*, que Vianna da Motta já transcreveu para piano a 2 mãos, onze grandes *Preludios* e o *Impromptu sobre o Choral de Luthero*.

Como o *Pedalier* se não usa já hoje senão como instrumento de exercicio para organistas, impunha-se uma adaptação que facilitasse aos concertistas a apresentação d'esses bellos trabalhos com os meios de acção de que hoje se dispõe — visto que a execução d'essas obras no órgão (salvo as *Prières*) lhe tiraria todo o caracter pianistico.

E' a esse paciente trabalho de adaptação que se dedicou o eminente pianista portuguez, com o *savoir faire* e talento que todos lhe conhecemos e de que tem dado tão brilhantes provas no exercicio da sua Arte e na propaganda das suas melhores preciosidades.



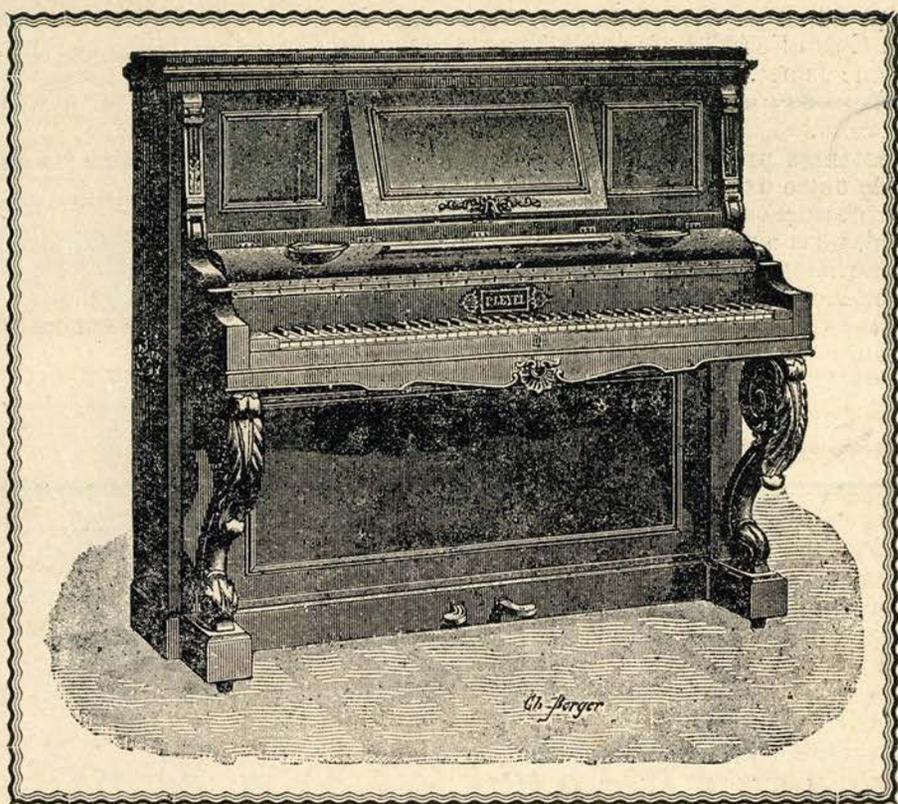
Tambem recebemos e muito agradecemos um novo volume em que se encontram reunidos quasi todos os Fados de Rey Colaço, que tem sido, como se sabe, um dos maiores successos da livreria musical entre nós.

A collecção d'essas interessantes composições populares, postas agora em um album *três coquet*, despertará sem duvida alguma o appetite das nosssas gentis pianistas, que não deixarão de o querer possuir na sua estante entre os seus volumes mais queridos.

A ARTE MUSICAL
Publicação quinzenal de musica e theatros
LISBOA

PLEYEL WOLFF LYON & C^{IE}

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

PIANO DUPLO PLEYEL

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor: — ENG.^o GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra
Presidente do jury (classe 17) da Exposição de Paris — 1900

AUGUSTO D'AQUINO
Agencia Internacional de Expedições

SUCCURSAL DA CASA

CARL LASSEN, HAMBURGO

Serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

Por via de Hamburgo pela casa Carl Lassen

» » » Anvers » » Carl Lassen

» » » Liverpool » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Londres » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

» » » Havre » » Langstaff, Ehrenberg & Pollak

EMBARQUES PARA O ESTRANGEIRO E COLONIAS

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

Rua dos Correeiros, 92, 1.º

SOCIEDADE DE CONCERTOS E ESCOLA DE MUSICA

FUNDADA EM 1 DE JULHO DE 1902

Séde: **Rua do Alecrim, 17, 1.º**

(Junto ao Caes do Sodré)

CURSOS NOCTURNOS

As aulas abrem a 1 de outubro e fecham a 31 de julho.

A matricula geral começa a 15 de setembro continuando aberta todo o anno lectivo.

Curso completo do **Conservatorio Real de Lisboa** para alli se fazer exame e cursos da Escola para fazer ou não exame á vontade dos alumnos.

PROFESSORES

*D. Rachel de Souza, Frederico Guimarães, Marcos Garin,
Julio Cardona, Augusto de Moraes Palmeiro, Guilherme Ribeiro,
José Henrique dos Santos, Wenceslau Pinto e Rodrigues Beraud*

Concertos de musica nacional por grande orchestra de 80 executantes e audições de alumnos

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12</i>
Alberto Lima , professor de guitarra, <i>Rua da Conceição da Gloria, 23, 3.º</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Andrés Goni , professor de violino, <i>Praça do Principe Real, 31, 2.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO</i>
Candida Cilia de Lemos , professora de piano e orgão, <i>L. de S. Barbara, 51, 5.º, D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>Travessa da Piedade, 36, 1.º</i>
Carlos Sampaio , professor de bandolim, <i>Rua de Andaluz, 5, 3.º</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI</i>
Elvira Rebello , profes.ª de musica e piano, <i>Collegio MOZART, Angra (AÇORES)</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Flora de Nazareth Silva , prof. de piano, <i>Rua dos Caetanos, 27, 1.º</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>Travessa do Noronha, 16, 1.º</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 27, 3.º D.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
João E. da Matta Junior , professor de piano, <i>Rua Garrett, 112.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>R. S. João da Matta, 61, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professorá de canto, <i>Bairro Castellinhos, Rua A. — R. G., 3.º</i>
Léon Jamet , professor de piano, orgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucilia Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Moreira, 4, 2.º</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>Rua da Cruz dos Poyaes, 49, 1.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Maria da Piedade Reis Farto , prof. de piano e violino, <i>R Arsenal, 124, 2.º, E.</i>
Mathilde Girard , professora de piano, <i>Rua de S. Bento, 47, 1.º, E.</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Rua Palmira, 10, 4.º, E.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, E.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 137, 2.º</i>
Victoria Mirés , professora de canto, <i>Praça de D. Pedro, 74, 3.º, D.</i>

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou em ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, mecanismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa Sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM